

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE000154

ISAC, Ariovaldo. Lojas que resistem ao tempo. E à economia: Quem não se lembra da Ducal, Preço Fixo, Duton, Nova América, etc.? São lojas que já não fazem parte do comércio de Campinas por diversas razões, mas há outras casas antigas que resistem ao tempo e continuam firmes como rochas. Algumas ainda preservando o estilo antigo, onde um fio de bigode valia mais que qualquer carta de crédito. Jornal de Domingo, Campinas, 09 jun. 1991.

“O cliente comum”

O dinheiro anda curto no bolso da maioria das pessoas, mas nem por isso o calçadão do Convívio — o coração do comércio campineiro — deixou de receber a multidão de consumidores. É certo que muitos sobem e descem aquela “Treze de Maio” olhando vitrines e pechinchando preços, mas o comércio resiste a tudo e continua vendendo. E neste contexto, há lojas que há mais de meio século estão aí driblando as adversidades e justificando a tradição junto a clientela.

De outros governos republicanos para o período Collor a relação comerciante-consumidor sofreu muitas modificações. Luís Carvalho de Moura, que há 48 horas é proprietário da Fotoelétrica — loja de som e imagem na rua Conceição — lembra com orgulho dos tempos em que vendia fiado e anotava o nome do devedor numa caderneta obedecendo a ordem alfabética. “E a gente não precisava ficar cobrando, porque naquela época um fio de bigode valia mais do que uma assinatura”. Ele viu, com tristeza, o prédio onde funcionava o Cine Rink desabar e a tragédia provocar a morte de 57 pessoas, há cerca de três décadas; e conta para os novos as histórias dos bondinhos que rodavam pela cidade, com o passageiro desembolsando 200 réis pela tarifa.

Luizinho é dos tempos dos bondinhos, do tostão e dos réis. Já ultrapassou a casa dos 70 anos mas, muito lúcido, recorda com facilidade a evolução do comércio de Campinas. “Antigamente os donos de lojas eram pessoas da própria cidade. Entre as décadas

de 50 e 60 começaram a chegar as filiais de grandes lojas de São Paulo”, recorda.

Estes novos comerciantes trouxeram para a cidade um novo sistema de crediário, controlado por carnês e com prestações mensais predeterminadas. O mercado foi ficando concorrido e o vendedor procurava vender “seu peixe” da melhor maneira possível. “Antes o vendedor vendia. Hoje, o cliente compra”, costuma dizer Manoel Pedro Filho, que já completou 43 anos de comércio, 41 deles só na Casa Lord. “De primeiro, a gente buscava o cliente na calçada. Ele entrava na loja, via de tudo, discutia preço, tinha mais facilidade de pagamento com as longas prestações, e dificilmente ia embora sem comprar”.

Há lojas, nas imediações dos terminais, que ainda adotam este velho sistema, mas os resultados práticos não são os mesmos de antigamente. A relação consumidor-comerciante foi mudando, mesmo porque a cidade foi crescendo e o dono da loja já não podia conhecer a maioria de seus clientes. “Eu, por exemplo, conhecia 195 de 200 pessoas que andavam pelas ruas, antigamente. Hoje, de 200 pessoas que passam em frente minha loja talvez não conheça nem 20”, detalha Luizinho.

E as lojas também tiveram que se modernizar para oferecer mais conforto e melhor atendimento aos seus clientes. Hoje, vá-

rias estão informatizadas. Nem por isso, porém, relegam alguns valores que se confundem com a própria vida delas. Os bonequinhos nas vitrines da Ezequiel, balançando a cabeça, facilitam a identificação da casa. Foram trazidos da Alemanha há 25 anos e ficam expostos para curiosidade de quem passa defronte a loja.” Além dos bonequinhos temos um macaquinho pedalando bicicleta, um leãozinho que mexe com as mãos e um guarda tirando fotografias”, afirma Pedro Paulo do Amaral Magalhães, gerente das duas lojas, neto de Ezequiel Magalhães, que há 63 anos se estabeleceu no comércio da cidade. Ele já morreu, mas filhos e netos orgulham-se com a constatação de que a loja é a mais antiga no ramo de confecções em Campinas.

Zipper sob medida

Entra ano, sai ano, o Bazar São João - que trabalha com artigos para costura, na Rua José Paulino - continua do mesmo jeito. O mesmo corredor estreito de um metro de largura por oito de comprimento até se chegar nos balcões. E não bastasse esta singularidade, também "é a loja pioneira na cidade em fazer zipper sob medida", revela Cícero Campos Castro Filho, o proprietário.

Há lojas que resistem ao tempo e conservam a mesma fachada, como a Casa Lord, que há três décadas funciona na Rua José Paulino depois de passagem pela Treze de Maio. Outras, bem que manteriam o luminoso não fosse a exigência de substituição feita pela CPFL, após as vistorias e constatação de que a fiação já não ofere-

ce segurança. Há lojas que mudaram de endereço — como Casas Regentes, A Especialista, Clark e Camisaria Emílio Porto — mas continuam no rol das idosas. Outras que se mantiveram no mesmo lugar e com poucas mudanças na cara, como Casa das Ferragens. Mas quem foi absorvido pelo tempo e pelas confecções foram as sacarias e comércio de gênero alimentício da Costa Aguiar.

Enfim, restaram boas lembranças do comércio campineiro do passado e a certeza de que apesar da corrosão salarial dos consumidores ele continua resistindo bem. Com certeza ele agradecerá se o povo tivesse mais dinheiro para gastar e se as ruas da cidade não estivessem tão infestada de trombadinhas e trombados agindo impunemente.



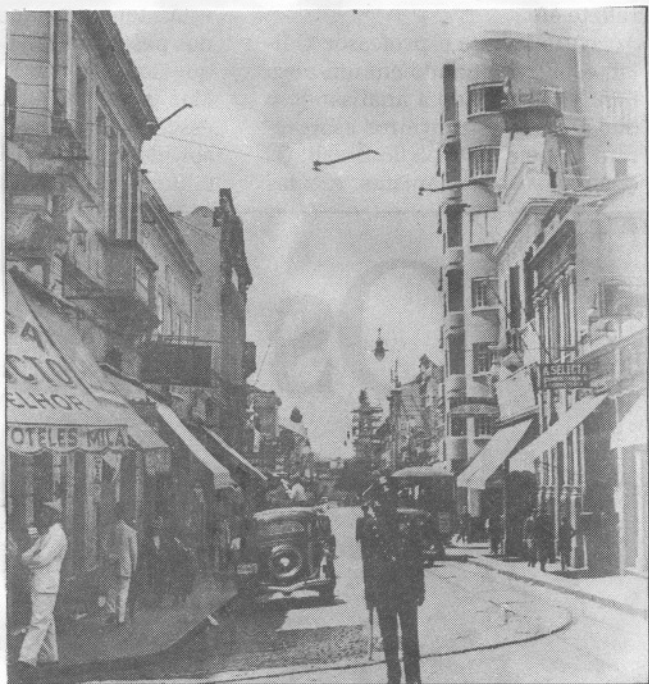
A fachada da Casa Lord continua a mesma de três décadas



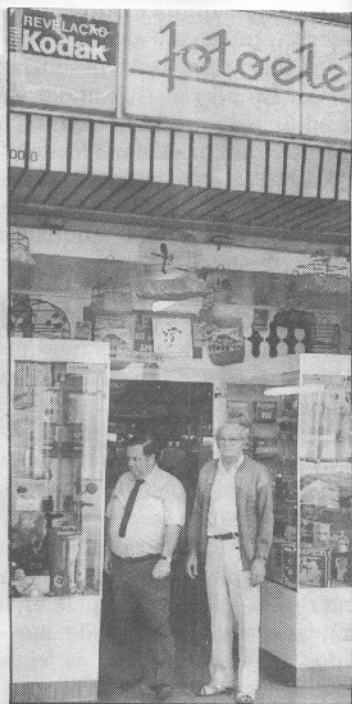
Na esquina da Glicério com Conceição estava a Casa di Lascio



O corredor estreito de entrada do Bazar de São José é o mesmo de 25 anos



Barão de Jaguará e Conceição são ruas comerciais desde a década de 50



Luís Carvalho de Moura (dir.) conta histórias do comércio de 50 anos atrás